



ISSN: 2230-9926

Available online at <http://www.journalijdr.com>

IJDR

International Journal of Development Research
Vol. 12, Issue, 05, pp. 56332-56341, May, 2022



RESEARCH ARTICLE

OPEN ACCESS

TERRITÓRIO CEARENSE E RUGOSIDADES: APRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO TOMBADO

***Maria do Carmo Alves**

Geógrafa, Mestre e Doutora pela Universidade de São Paulo – USP. Professora Temporária do Curso de Geografia da Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA. ORCID

ARTICLE INFO

Article History:

Received 10th February, 2022
Received in revised form
08th March, 2022
Accepted 24th April, 2022
Published online 30th May, 2022

Key Words:

Estado do Ceará,
Território, Rugosidades,
Preservação, Patrimônio Histórico.

*Corresponding author:
Maria do Carmo Alves

ABSTRACT

Resumo: Este texto tem como foco conhecer um pouco dos usos do território cearense, especialmente, aqueles manifestados no território do patrimônio histórico tombado. Revelaremos como se pode compreender as rugosidades materializadas a partir dos lugares, que nos instigam a elucidar questões relevantes e interpretativas do sistema de objetos e ações, como premissa para entender os mencionados usos e materialidade visível, produto e resultado do trabalho humano. Desse modo, para interpretar as rugosidades cearenses e seus elementos, é imprescindível conhecer as relações e o movimento histórico de cada localidade, de cada povo, cada cidade, haja vista que, por mais parcial ou pequena que pareça, elas contêm a totalidade, contêm partes de relações que são globais. Ainda que aconteçam em um lugarejo qualquer, é uma engrenagem que é parte do todo, do mundo. O olhar geográfico não se restringe à análise dos processos passados, mas busca sugerir a análise que a partir dele irá fundamentar a compreensão do presente. A preservação do patrimônio arquitetônico possibilita transformar os espaços das cidades, quando esses assumem uma dinâmica para atender diversos interesses. O texto traz o Estado do Ceará no contexto do seu patrimônio histórico tombado, estabelecido pelo concreto, pedra, tijolo, cimento e madeira, mais principalmente o que representa a essência da rugosidade, ou seja, a história de vidas, a força de trabalho humano, os usos do território pela sociedade.

Copyright © 2022, *Maria do Carmo Alves*. This is an open access article distributed under the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

Citation: *Maria do Carmo Alves*. "Território cearense e rugosidades: preservação do patrimônio histórico tombado", *International Journal of Development Research*, 12, (05), 56332-56341.

INTRODUCTION

A geografia aqui estudada preocupa-se rigorosamente com seu objeto, o espaço geográfico, isto é, como nos diz Santos (2006), a partir das relações indissociáveis entre sistemas de objetos e ações, como premissa para entender o território usado, "condenado a errar em suas análises quando considera somente o lugar como se ele tudo explicasse por si mesmo, e não a história das relações, dos objetos sobre os quais se dão as ações humanas [...]"; segundo Santos (2008, p. 64). Apesar de considerar os processos passados da história da sociedade, os estudos aqui feitos não consideram a velha concepção de Geografia, como ciência apenas da descrição do espaço, pois é importante que se dê atenção também ao tempo. Nesse sentido, é fundamental a compreensão das origens, da formação, do crescimento e das possibilidades de interpretar a atualidade, fazendo um percurso de reconhecimento do passado como processo e não permanecendo na mera descrição. Caio Prado Júnior (1989) descreve que todo povo tem na sua evolução um "certo sentido", que se percebe não nos pormenores de sua história, mas no conjunto dos fatos e acontecimentos essenciais que a constituem num largo período de tempo.

Neste contexto será abordada a análise da história do uso do território no Ceará, para compreender os momentos e aspectos que pela sua evolução e pelo seu povo se torna explicável. O intuito não é fazer uma geografia histórica, mas compreender alguns processos passados que trazem em seu percurso o entendimento do presente.

Ceará, cidades e sítios urbanos tombados: Realizar um breve resgate sobre a urbanização cearense se faz necessário para adentrar a discussão central desta análise, ou seja, estudar as rugosidades presentes no Estado do Ceará, conheceras cidades com sítios urbanos tombados e entender mais sobre outros monumentos importantes nesse contexto da preservação, bem como sua ocupação e uso do seu território. Rocha e Costa (2008) descrevem que a incipiente urbanização cearense teve começo com a criação das vilas de Aquiraz em 1713 e Vila Fortaleza de N.S. da Assunção em 1726, substituindo a pequena antiga Vila do Ceara ou Vila de São José do Ribamar que fora criada em 1699. Posteriormente, mais vilas foram instaladas marcando a ocupação dos sertões pela pecuária, tendo o rio Jaguaribe como principal vetor, em cujo trecho médio implantaram-se Icó (1738) e, posteriormente, Aracati (1748), já quase no encontro do rio com o mar, ao norte do Estado, Sobral (1773), entre outras, todas

motivadas pela atividade pastoril. Segundo os autores houve a partir de 1757, um esforço administrativo da coroa portuguesa para acelerar a criação de vilas em toda a colônia, devido ao crescimento das relações comerciais. Com as charqueadas, ocorreu o período áureo da pecuária nordestina. Essas feitorias marcam, assim, o desenvolvimento econômico da região como o chamado “Ciclo do Gado”, cuja expansão promoveu a criação de novas vilas. Abreu (1954) reforça a análise quando se refere ao gado que povoara os sertões estabelecendo as fazendas, alegando que esse fato propiciou e favoreceu a existência das numerosas vias de comunicação internas e também os estados vizinhos. Tais vias, foram importantes para o desenvolvimento da região. Abaixo, no mapa 1, identifica-se o desenvolvimento das vias que se deu pela ocupação das terras, em virtude da pecuária que se instalou no sertão cearense, onde estavam as primeiras fazendas que serviam de abrigo para os viajantes.



LEGENDA

- Caminho da Bahia
- Estrada Nova das Boiadas
Estrada Real da Pararlba ou
Estrada para Pernambuco
- Caminho Sobral/Piauí
- Estrada Crato/Oeiras
E Crato-Piancó

Fonte: Livro O Lado Esquerdo do Rio (2003, p. 27). Herbert Rocha.
Desenho Original: Nelson Paiva

Desenho Modificado: Maria do Carmo Alves/2016.

MAPA 1. CEARÁ - OS CAMINHOS DO GADO.

De acordo com Rocha (2003), assim como as vias, os cursos de água tiveram sua importância no povoamento europeu do sertão brasileiro, uma vez que orientavam a penetração dos colonizadores pelo interior, possibilitando a instalação de suas fazendas. No mapa 1 podemos fazer essa leitura, pois espacializa bem os caminhos onde foram se estabelecendo primeiro as fazendas, que logo se tornaram vilas e, posteriormente, passaram a ser cidades. Nos vetores por onde passam as estradas, localiza-se facilmente cada cidade mais estruturada nessa atualidade, e que foram, como por exemplo Sobral, desde o início da sua colonização, importantes para o desenvolvimento da região e relevantes, por sua dinamicidade naquele período. O olhar sobre o território dessas cidades e suas paisagens nos permite perceber as ações que se deram ao longo do tempo e traz a possibilidades de várias leituras. Por exemplo, Santos (2006) questiona se é possível falar em “idade de um lugar”. Essareflexão é importante porque remete à ideia de que as cidades que nasceram com a colonização, são frequentemente compreendidas pelo ano de sua fundação jurídica. Baseados nas informações amplamente divulgadas sobre o Patrimônio Histórico, alguns pesquisadores as percebem da seguinte maneira: pelo ano de sua fundação, quem a fundou - a partir de então, muitos eventos e festas se originaram para comemorar muitos feitos da elite; bem como, pelo século ao qual pertence cada monumento tombado e

a história acerca desse bem. Porém, esta pesquisa não se limita à perspectiva jurídica, mas vai além, pois, se direciona para outros critérios de análise da realidade, dos processos e das paisagens naturais e das elaboradas pelo homem, o principal agente de transformação do uso do território. Assim, a cidade, pelas suas paisagens, revela um modo de civilização, exibe um conjunto vivo de organização social que nela se estabeleceu. É ele quem reflete as dinâmicas sociais que na história se mostram, com suas mudanças, no presente. Essa fundamentação pode se basear, de acordo com a visão do pesquisador, nos cortes geológicos e geomorfológicos que nos levam a perceber a conformação da natureza, as paisagens elaboradas pelo homem e a relação indissociável com a técnica, que desde os tempos pré-históricos contribui para a compreensão do processo de uso e ocupação do território. É com a análise de que a ocupação do sertão cearense se deu com o gado trazido por colonizadores de capitânicas vizinhas, especialmente Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte, que compreendemos como foram ocupados os Vales dos rios Jaguaribe e Acaraú. Estes foram pontos essenciais de colonização e importantes para a discussão aqui defendida, haja vista que hoje essas cidades se apresentam como patrimônio histórico tombado, onde se resgata fatos importantes da história da colonização do Ceará. Olhar essas cidades causa inquietação ao imaginar um período de elemento avanço técnico e tecnológico e, mesmo assim, com grande pompa e ostentação nas construções urbanas para a época e para a população que lá habitava. Hoje, só é possível compreendermos o presente, representado pelo vigor de suas contrastantes paisagens que impressionam mesmo os olhares mais exigentes.

As cidades de Sobral, Icó, Aracati e Viçosa do Ceará, localizadas no interior do Ceará, têm sítios urbanos tombados e por meio deles, exibem concretamente na paisagem testemunhos do período colonial: a ocupação bandeirante, que apresenta importantes vestígios da ocupação agropastoril com expressividade nas antigas vilas e lugarejos com elementos marcantes que enaltecem sua paisagem urbana. Caminhar por Sobral, Viçosa do Ceará, Aracati e Icó, significa ter um encontro do presente com um passado histórico; significa ouvir e conhecer muitas histórias, algumas vezes, mal contadas, mal interpretadas e percebidas de modo distinto por diferentes sujeitos. Cada pessoa percebe a cidade por um olhar: o turista, o investidor, o trabalhador, o comerciante, o morador que reside no centro histórico, o morador dos bairros e distritos vizinhos, o pesquisador, os profissionais que trabalham para manter a área preservada, o poder público, entre tantos outros, que a analisa conforme sua prática cotidiana e sua visão de mundo. Podemos, por exemplo, citar, a partir das entrevistas realizadas, o trecho da fala de um comerciante nascido na cidade de Viçosa do Ceará e comerciante no sítio histórico. Ele afirma que vê o patrimônio tombado positivamente, quando diz: “Eu acho muito lindo todos esses prédios antigos. Meu comércio tem um grande movimento porque as pessoas vêm para conhecer o imóvel e acabam fotografando, entrando e comprando”. (Entrevista oral, 2015).

- Enquanto isso, outro morador, do bairro São José, na periferia da cidade de Viçosa do Ceará, critica as práticas políticas e sociais ao dizer que “tudo na cidade gira em torno da praça da igreja, por causa dos monumentos tombados, enquanto os bairros mais distantes ficam esquecidos”. O nosso entrevistado ainda ressalta que “com os distritos a coisa é ainda pior”. (Entrevista oral, 2015).
- Vale ressaltar alguns moradores que também não demonstram simpatia pelo sítio histórico: aqueles que possuem imóveis na área tombada e não podem efetuar reformas de construções que possam comprometer a aparência do que se quer preservar, as fachadas externas.
- Assim falou um sobralense entrevistado, morador na Avenida Dr. Guarany, no centro histórico de Sobral: “Eu tenho espaço para construir uma garagem, mas não posso quebrar a parede para não descaracterizar a fachada, e assim eu fico sem poder guardar o carro da minha filha. Considero

¹As entrevistas foram realizadas no mês de outubro de 2015. A pedido dos entrevistados, os nomes foram preservados.

inadmissível não poder mexer no que é meu”. (Entrevista oral, 2015).

Enquanto isso, outro morador, do bairro São José, na periferia da cidade de Viçosa do Ceará, critica as práticas políticas e sociais ao dizer que “tudo na cidade gira em torno da praça da igreja, por causa dos monumentos tombados, enquanto os bairros mais distantes ficam esquecidos”. O nosso entrevistado ainda ressalta que “com os distritos a coisa é ainda pior”. (Entrevista oral, 2015). Vale ressaltar alguns moradores que também não demonstram simpatia pelo sítio histórico: aqueles que possuem imóveis na área tombada e não podem efetuar reformas de construções que possam comprometer a aparência do que se quer preservar, as fachadas externas. Assim falou um sobralense entrevistado, morador na Avenida Dr. Guarany, no centro histórico de Sobral: “Eu tenho espaço para construir uma garagem, mas não posso quebrar a parede para não descaracterizar a fachada, e assim eu fico sem poder guardar o carro da minha filha. Considero inadmissível não poder mexer no que é meu”. (Entrevista oral, 2015). Percebe-se no discurso do nosso entrevistado a insatisfação de não poder interferir no próprio imóvel. Enquanto isso, uma senhora que nos recebeu em sua casa, sobralense e também moradora do Sítio Histórico, revelou-se entusiasmada com o tombamento. Relata a entrevistada que acha maravilhoso a cidade preservar a história de seu povo, quando nos fala que “é importante ver na cidade o que os nossos antepassados construíram e que hoje, devido ao tombamento, nós podemos apreciar e conhecer a história do nosso povo, que também é nossa”. (Entrevista oral, 2015).

No centro de Sobral, um comerciante entrevistado se mostrou encantado pelos casarões da área tombada e bastante satisfeito com a beleza peculiar do seu imóvel. Ele é um investidor no ramo da gastronomia, garantiu que “O bom movimento do seu restaurante se dá por três motivos: o primeiro, pela localização privilegiada no sítio histórico, área mais dinâmica e ativa da cidade – aqui é onde tudo acontece. O segundo, pela estrutura e beleza arquitetônicas do imóvel. E o terceiro pela boa comida que oferecemos aos nossos clientes”. (Entrevista oral, 2015). É notório que, ao caminhar pelos sítios tombados dessas quatro cidades do Ceará, percebe-se algo em comum entre elas. Existe hoje uma mudança no uso, se nos referirmos ao crescimento do número de comércios e serviços que se instalaram nos imóveis preservados. Os novos usos vêm dar outra dinâmica e uma nova função aos imóveis que antes eram apenas residenciais. Como escreve Costa e Scarlato (2008), são antigas formas que, ao assumirem novas funções, sintetizam novos conteúdos para o residente, dentro da vigente estrutura estabelecida pela reprodução do capitalismo e seletividade do capital, que impacta o território urbano. Essa compreensão perpassa também o entendimento das contradições entre preservação e mercantilização das cidades que se valem das áreas tombadas como mercadoria, dos centros e não das periferias que, historicamente, são marginalizadas, uma vez que sempre se valorizou mais o erudito do que o popular.

Sobre essa questão, Mário de Andrade nos fala que,

Essas cidades enquanto cidades históricas emergem na questão da forja de uma identidade nacional. Uma identidade que nasce fragmentária, pois se referiu, naquele momento, no caso brasileiro, aos bens das elites coloniais, ao serem adotados critérios parciais para a seleção do que deveria ser preservado e enaltecido como símbolo da cultura nacional: casarões, igrejas e palácios ligados a elite branca colonial. (ANDRADE, 2002, p. 130).

Pode-se perceber na formação socioespacial do Brasil que há historicamente uma tendência a se pensar e trabalhar as cidades como produto cultural elitizado. As ações sempre se deram de maneira elitista e segregacionista. O tombamento, a priori, é um exemplo daquilo que se quer manter, pela política de preservação do país, o controle sempre esteve junto às riquezas e aos monumentos excepcionais, justificado pelo simbolismo republicano.

Não seria exagero dizer que, quase sem exceção, os locais do patrimônio, que se fazem dialogar com o passado, estão associados ao

contexto político nacional. Porém, essa questão trouxe uma perspectiva para entender porque estiveram sempre ligados à elite econômica, o que introduz o patrimônio como um invento burguês. Essas cidades cearenses são pouco conhecidas em nível nacional e não apresentam no seu sítio uma dinâmica econômica ou mesmo um investimento capaz de mover o turismo, se comparadas a outras cidades como as mineiras ou as baianas, por exemplo, onde há um investimento no turismo voltado para as questões do patrimônio tombado e, naturalmente, com uma expressividade maior, pela própria história, interesse e uso do território. Dessa forma, o patrimônio histórico pensado na perspectiva dialética oferecida a partir da abordagem do espaço geográfico, como é entendido aqui, favorece a análise da ocupação territorial e, assim, contribui para o aprofundamento da discussão em torno das dinâmicas espaciais urbanas materializadas nas permanências e transformações de suas paisagens. É notório que os estudos sobre o patrimônio venham cada vez mais atraindo pesquisadores e estudiosos da temática; ganhando outras formas de análise, uma vez que geralmente foram vistos com mais relevância no âmbito das discussões de estudos urbanos ligados a arquitetura, ou seja, estudavam-se com mais ênfase as técnicas e as formas de construção. Na atualidade, novas inquietações colaboraram para uma maior abrangência de estudos dessa temática, especialmente, nas Ciências Sociais e Humanas, com destaque para a ciência geográfica, que tem proporcionado grandes contribuições para a compreensão dos sistemas de objetos e ações sobre o uso do território. O Ceará, na sua totalidade, é composto por 184 municípios, desses apenas Sobral, Aracati, Viçosa do Ceará e Icó são os municípios que possuem um sítio histórico tombado. Entretanto, existem outros bens tombados pelo IPHAN, em outros municípios. Estes são igualmente importantes e necessários para ampliar o conhecimento para a totalidade do território cearense. Visto que abordamos neste estudo a rugosidade como essência da discussão, torna-se pertinente conhecermos todos. Embora os bens tombados não sejam nosso foco principal de estudo, eles são partes deste, haja vista que são rugosidades e fazem parte do território cearense, e serão analisados pelo critério do território usado. Por isso, consideramos importante conhecê-los e entendê-los como parte da totalidade, no uso do território.

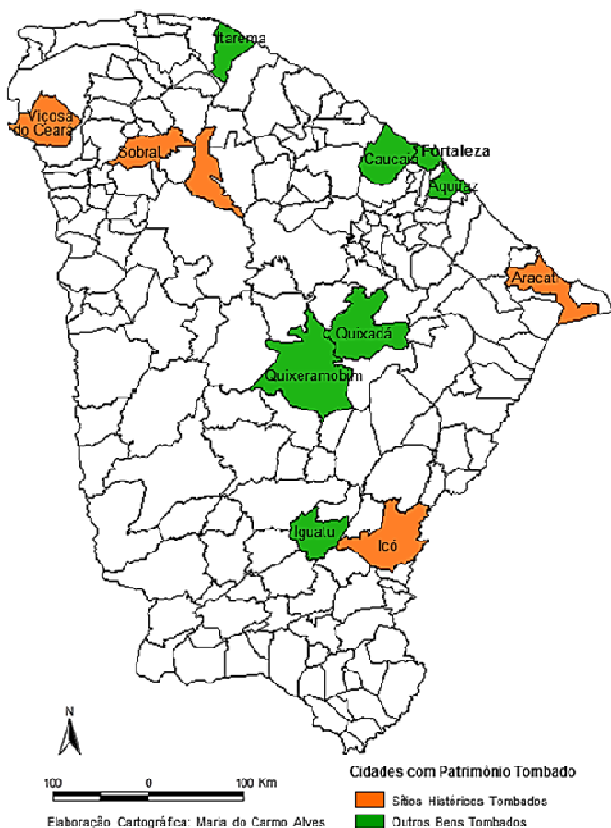
Um panorama geral do patrimônio tombado cearense

Para entender a dinâmica do patrimônio cearense tombado e alcançar a compreensão do uso do território, a rugosidade é um ponto de partida interessante, uma vez que no Ceará, busca-se conhecer e entender as práticas e ações de preservação existentes e normatizadas pelo IPHAN. É importante fazer análises e ponderações sobre os bens tombados a serem apresentados, que vão além das cidades com sítios urbanos tombados. A principal delas é conhecer os demais patrimônios, o que nos possibilitará ter uma visão geral das rugosidades cearenses; porém, a Geografia deve preocupar-se com as análises do movimento, e apreender os objetos e ações como um todo, sem perder o foco da totalidade. Desse modo, faz-se necessário entender o processo desde a criação da Superintendência do Iphan no Ceará, a partir do ano de 2009, pelo Decreto nº 6.844, de 7 de maio de 2009. Antes disto, em 1982, havia sido instalada a 4ª Coordenação Regional daquele instituto, para atender aos estados do Ceará e Rio Grande do Norte. Segundo o chefe do Escritório Técnico do IPHAN em Sobral², que nos concedeu entrevista, cabem às superintendências, a coordenação, o planejamento, a operacionalização e a execução das ações do Iphan, em âmbito estadual, bem como a supervisão técnica e administrativa dos escritórios técnicos e de outros mecanismos de gestão localizados nas áreas de sua jurisdição. Entre outras atribuições, ao IPHAN-Ceará, cabe analisar, aprovar, acompanhar e orientar projetos de intervenção em áreas ou bens protegidos pela legislação federal, além de fiscalizar, embargar ações que contrariem a legislação em vigor, e aplicar sanções legais.

No Ceará, a sede do Iphan está localizada no centro da capital, Fortaleza, e funciona em um prédio tombado, que abriga também uma biblioteca aberta à população, com mais de três mil títulos. Neste

²Entrevista concedida pelo chefe do Escritório Técnico de Sobral, Arquiteto Alexandre Veras de Freitas/2016.

tópico, iremos conhecer todo o patrimônio tombado cearense e analisar as cidades que acolhem essa prática, percebendo-o como uma totalidade. Vale ressaltar que, neste momento da discussão, não estão inseridas as cidades com sítios tombados, já que elas estão contempladas na discussão de todo o texto. Neste tópico daremos importância aos demais bens que se apresentam como objetos isolados, pelo seu contexto e pouca expressividade na complexidade e funcionalidade urbana que está se trabalhando aqui. É importante repetir que os demais bens espalhados pelo Ceará, apesar de sua importância na compreensão do todo, não serão o principal foco de reflexão e atenção nesta pesquisa, porém, não poderiam ficar fora da discussão, haja vista que fazem parte do contexto e da totalidade considerados quando teorizamos sobre as rugosidades. Em momento algum se está diminuindo sua importância, entretanto, a empiria considerada dedicou atenção e foco ao contexto dos usos do território e rugosidades, que vai muito além dos objetos e bens tombados, entretanto, esses são de grande importância para se entender alguns aspectos dessa análise. Para melhor exemplificar, serão exibidos, logo abaixo, alguns dados levantados, juntamente com informações que classificam a relação por tipo de tombamento. Foi elaborado um quadro e um mapa que traz o conhecimento desses bens tombados. Nesse momento serão conhecidas com mais detalhes, outras cidades cearenses, que não têm seu sítio urbano tombado, mas outros tipos de patrimônio, que se somam ao rol de outros tipos de bens tombados. Além de Fortaleza, existem mais seis cidades localizadas no interior do estado a serem estudadas geograficamente; o que torna possível compreender esse processo e os fatores determinantes e condicionantes, que proporcionaram o tombamento. O exemplo segue no quadro e no mapa a seguir.



Mapa 1. Ceará - Cidades com patrimônio tombado

Iniciando a sequência do quadro, a referência “Coleção arqueológica do Museu da Escola Normal Justiniano de Serpa” diz respeito à coleção composta por um vaso de cerâmica, encontrado na Gruta da cidade de Ubajara, um trabalho indígena. São sessenta e oito peças formadas por arcos e flechas de índios do Mato Grosso, vinte e duas peças de enfeites de índios e quatro machados de pedra indígenas (IPHAN, 2016). Esse primeiro dado nos traz uma reflexão sobre a sociedade em um dado momento de sua evolução, em relação a um determinado estado das técnicas. Essa compreensão é essencial para o

entendimento das características da história de uma época em que cada período representa a forma de entendermos como a mesma se mostra para nós, através do desenvolvimento de cada período técnico. Já a segunda referência de bem tombado, a “Casa de José de Alencar”, nos traz a informação de que é uma edificação que serviu de residência para o cearense José de Alencar. Ela foi por nove anos o lar do escritor³. Na atualidade, ela é objeto de preservação, mantido pela Universidade Federal do Ceará. Mantém sua construção original, como se vê nas fotos abaixo.



Maria do Carmo Alves/2017.

Fotos 1 e 2. Casa de José de Alencar

A referida residência se encontra situada no Sítio Alagadiço Novo, em Fortaleza. “Além da Casa, subsistem as ruínas de um antigo engenho, o 1º do Ceará a receber a energia a vapor” (GUIA DOS BENS TOMBADOS DO CEARÁ, 1995, p. 67). Sua inauguração, em 1830, foi o marco inicial da industrialização do Estado. No engenho eram produzidos cachaça, açúcar mascavo e rapadura. A edificação é mantida pela Universidade Federal do Ceará desde 1965. Na compreensão da rugosidade, o conjunto do sítio Alagadiço Novo é relevante não apenas pelos aspectos arquitetônicos, paisagístico, histórico e cultural. Apesar da construção de sua edificação arquitetônica ser simples, ela se destaca nessa reflexão pela sua importância e significado. Ainda em referência ao famoso escritor, temos o “Theatro José de Alencar” construído no início do século XX, e inaugurado oficialmente em 1910. A paisagem exibida, que resiste na arquitetura do teatro nos remete à evolução social e técnica da humanidade, técnicas construtivas e relações de poder, visto que, como está no Guia dos bens tombados do Ceará (1995, p. 119), “[...] sintetizou os ideais de ‘Civilização e Progresso’, do início do século, na capital cearense”. A perspectiva da leitura do território pelo patrimônio nos traz a análise, como bem descreve Scarlato (2005 apud Costa 2011), quando diz que, dentro de uma perspectiva da geografia crítica e do que reconhecemos como dialética do espaço, as cidades não estão somente no plano da materialidade, mas também no da subjetividade. A sociedade não só produz historicamente formas espaciais e condições de sobrevivência, mas reproduz as representações simbólicas das cidades. Como justificativa do que falamos, segue a foto do teatro José de Alencar, logo abaixo, como exemplo de importante edificação histórica e arquitetônica que faz parte do acervo dos bens tombados no Ceará e é um dos mais importantes símbolos culturais de Fortaleza. O teatro possui uma estrutura formada por materiais diversificados, como ferro, madeira e vidro. Ao longo dos anos, o local passou por algumas reformas na sua estrutura, sendo a do começo da década de 1990 uma das mais importantes, momento em que foram anexados a ele novos espaços.

³José Martiniano de Alencar - Político e escritor brasileiro, patrono da Academia Brasileira de Letras. Como político conhecido por sua tenaz defesa da escravidão no Brasil e por ter sido Ministro da Justiça. Filho ilegítimo do padre e mais tarde senador José Martiniano Pereira de Alencar com sua prima Ana Josefina de Alencar. Escreveu uma vasta obra literária, a saber, *O Sertanejo*, *Iracema*, *O Gaúcho*, *O Tronco do Ipê*, *Segundo Reinado*, *Diva*, *Lucíola*, *Senhora*, *Ubirajara*, *O Guarany*, *As Minas de Prata*, *Guerra dos Mascates*, *A Viúvinha*, *A Pata da Gazela*, *Encarnação*, *Cinco Minutos*, *Sonhos d'Ouro*, entre outros; além de crônicas e várias peças teatrais como, *Verso e Reverso*, *O Crédito*, *O Demônio Familiar*, *As asas de um anjo*, *Mãe*, *A expiação* e *O Jesuíta*.



Foto: Maria do Carmo Alves - out/2015.

Foto 3. Theatro José de Alencar

Foto: Maria do Carmo Alves - out/2015.

Foto 4. Theatro José de Alencar (vista interna)

O projeto original previa um jardim ao lado do teatro, construído em 1975, após a inauguração. Segundo o técnico guia do teatro⁴, em entrevista, “a estrutura de ferro do teatro foi trazida da Escócia no início do século XX”. (Entrevista oral, out/2015). O teatro passou por um processo de restauração, os jardins foram projetados por Burle Marx, o distinguem como o único teatro ajardinado do país. Nessa área há um palco a céu aberto, o jardim foi ornado com plantas nativas como cajueiros, jucás, palmeiras, pau-brasil, entre outras, que têm as características da terra de Iracema.

Fonte: <http://www.somosvos.com.br/patrimônios-historicos-tja>. Acesso em 2016.**Foto 5. Jardim do Theatro José de Alencar**

O teatro é uma representação do que já foi tratado anteriormente, sobre o patrimônio histórico como um símbolo cultural da burguesia. Um espaço de sociabilidade e de lazer refinado para aqueles que detinham alto poder aquisitivo, influências e acesso à intelectualidade.

Essa reflexão mostra a imposição ou supervalorização de um modo de vida da classe dominante que foi assimilado por ter maior força e expressividade no contexto cultural. Consideramos assim os aspectos do tombamento de imóveis isolados, uma concepção da materialidade e do símbolo, que representa uma paisagem construída a partir de uma estrutura social. Nesse processo, é preciso lembrar que as ações da burguesia no passado conseguiram construir os objetos que hoje são preservados. Desde então, a sociedade dos tempos vividos passou a se desenvolver mergulhada na técnica. O passado preservava-se através dos objetos que se tornaram rugosidades e permanecem no presente, mas não de forma homogênea, haja vista que na constituição do passado, nos processos da vida social, as circunstâncias foram determinantes, alienantes e desiguais, como são até hoje. A sociedade do passado conseguiu erguer objetos de significativo valor estético, mas também de forte caráter, distintos pela importância do uso, como é o caso do Museu do Ceará foto 7 e do conjunto constituído pela Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção, foto 6. Esta fortificação deu origem e nome à cidade de Fortaleza, capital do Ceará. No seu interior, uma capela abriga a imagem de Nossa Senhora da Assunção, trazida de Portugal. Começou a ser erguida, em 1812, em uma área onde vários fortes foram construídos, anteriormente, desde as primeiras tentativas de colonização desse território. (IPHAN, 2016). As maiores alterações produzidas em seu conjunto ocorreram após a Segunda Guerra Mundial, quando as instalações passaram por novas adaptações e reformas. (IPHAN, 2016).



Foto: Francisco A. Veloso/2006 – Acervo do Arquivo do IPHAN 4ª SR – CE.

Foto 6. Conjunto constituído pela Fortaleza de N. Sra. da Assunção

Inicialmente, a estrutura da fortaleza era feita basicamente de pedra, cal e tijolo, mas passou por reformas e adaptações depois da Segunda Guerra Mundial. Atualmente, o espaço abriga a base da 10ª Região Militar.



Foto: Jacqueline Moraes/2016.

Foto 7. Museu do Ceará

separado do contexto das construções no qual se insere”. A natureza da cidade e dos conjuntos urbanos resulta dessa dialética da “arquitetura maior” e de seu entorno. A cidade é resultado de diversas relações existentes, e os objetos são parte dessa dinâmica.

⁴O entrevistado preferiu não ser identificado.

É por isso que Choay (2006), enfatiza que, na maioria dos casos, isolar ou “destacar” um monumento é o mesmo que mutilá-lo, uma vez que o entorno mantém com ele uma relação essencial que somente a rugosidade, permite enxergar. Os conjuntos arquitetônicos antigos e alguns monumentos cearenses isolados se tornaram patrimônios históricos de pleno direito, pois representam uma imagem privilegiada, da integração da vida e das sociedades do passado nesta contemporaneidade, embora a rugosidade pelo uso do território nos revele que estão diretamente relacionados à vida e à história da burguesia. O monumento Solar Carvalho Mota (foto 8) oferece, por exemplo, um dos “modelos de edificação mais antigos da cidade de Fortaleza, inaugurado no começo do século XX, no ano de 1907”. (Anuário de Fortaleza, 2012-2013). O imóvel já abrigou as instalações do Museu das Secas. Há também o Passeio Público, que é considerado a mais antiga e arborizada praça da cidade de Fortaleza.



Foto: Alexandre Veras/2016.

Foto 8. Solar Carvalho Mota

A praça conhecida como Passeio Público, já teve diversos nomes, como: Campo da Pólvora, Largo de Fortaleza, Largo do Paiol, Largo do Hospital da Caridade, Praça da Misericórdia e Praça dos Mártires. O uso do território na praça era dividido antigamente em níveis sociais e foi palco do assassinato dos revolucionários que participaram da Confederação do Equador. Com reformas e programação cultural variada, o Passeio Público transformou-se num ponto de encontro das famílias da cidade. (Anuário de Fortaleza, 2012-2013). É realmente relevante enfatizarmos que não são apenas os monumentos, enquanto bens, que precisam ser preservados, mas também os sentidos destes, os valores, a importância nas relações estabelecidas entre os homens, no tempo e no espaço, como requer o conceito de rugosidade. Seja qual for a atividade desenvolvida, o que caracteriza a importância social da preservação de um bem são os tipos de interações estabelecidas entre os sujeitos e os objetos. Essa é a nossa crítica que se dirige às ações e ao uso, não simplesmente aos meios e discursos encontrados como justificativa para tombá-los.



Foto: Maria do Carmo Alves/2017.

Fotos 9, 10, 11 e 12: Passeio público



Fonte: <https://patrimonioparatodos.wordpress.com/2013/10/16/biblioteca-publica-de-caucaia/> Acesso em out/2016.

Fotos 13 e 114: Caucaia - Casa de Câmara e Cadeia

Diante do uso do território na realização da vida coletiva, a praça também tem uma função expressivamente importante, sobretudo, nos sítios urbanos tombados, pois, das invenções humanas, ela é um espaço banal e dialético, para uso comum de todos, destinada a ricos e pobres, a todos como lugar de acontecimentos, de encontros, de lazer, da diversidade e da liberdade, onde a vida é compartilhada. É um dos poucos espaços onde a vida acontece de forma igualitária. Como nos diz Queiroga (2003), a praça é um lugar por excelência do povo, enquanto lugar público do ócio, potencializa a razão comunicativa, uma noção de identidade urbana que o lazer, na esfera da vida privada, dificilmente poderia propiciar. Observar os monumentos, sejam estes de uso público ou privado, requer a sensibilidade de perceber o seu valor, entendendo que este foi pensado e criado com algum objetivo e que muitas vezes atendeu a outros. Todo objeto construído no passado e que permanece, traz consigo um testemunho que, pelo seu valor, nos leva a reviver um passado introduzido no presente. Sobre os monumentos tombados e isolados, outros municípios cearenses também são contemplados nessa lista. No município de Caucaia, por exemplo, a Casa de Câmara e Cadeia (fotos 13 e 14) é uma obra de arquitetura popular, construída segundo as tradições portuguesas. Como as demais, também estavam instalados os órgãos da Administração Pública Municipal e é o único monumento tombado em termos federais no município desde 1973. O objeto tombado como símbolo do poder no período do Brasil colônia foi construído logo após a criação da vila em 1765, segue o modelo tradicional das casas de câmara e cadeia em território brasileiro, que tem como características a cadeia no térreo e a câmara no primeiro pavimento. O monumento foi restaurado e adaptado para funcionar como biblioteca pública de Caucaia, sua função atual. Ainda permanecem na memória da população, que se perpetua entre gerações, histórias das atrocidades cometidas na Casa de Câmara e Cadeia. Segundo moradores antigos, existe a lenda de que os espíritos dos índios e dos negros, presos e torturados ali, de vez em quando assombram os visitantes ou mesmo os moradores. No município de Itarema existe uma igreja chamada Nossa Senhora da Conceição de Almofala (fotos 15 e 16), situada no distrito de Almofala, que tem uma história bem interessante, pois representa a antiga missão dos Tremembés. Uma rugosidade que foi erguida por religiosos da Companhia de Jesus no século XVIII, substituindo a anterior capela de taipa por cobertura em madeira.



<http://www.valedoacarau24hrs.com.br/2015/10/a-igreja-soterrada-almofala.html?m=0> – Acesso em out/2016.

Foto 15. Almofala – Igreja



Foto: Maria do Carmo Alves/2017. Distrito de Almofala/Itarema-CE.

Foto 16: Almofala - Igreja

Por se localizar no litoral, no século XIX foi soterrada por uma duna móvel como vemos, o início desse processo na foto 27. É um exemplo da arquitetura barroca no Brasil (IPHAN, 2016), e um exemplo de rugosidade. A foto 16 é recente, mostra a mesma igreja, hoje reformada. Existe ainda a Casa de Câmara e Cadeia do município de Quixeramobim (fotos, 17, 18 e 19). Uma construção do século XIX, em estilo setecentista, que possui o primeiro pavimento em pedra e cal e o segundo em alvenaria. Hoje funciona o Parlamento Municipal.



<http://cmquixeramobim.blogspot.com.br/p/historico.html> - Acesso out/2016.

Fotos 17, 18 e 19: Quixeramobim – Casa de Câmara e Cadeia

No município de Iguatu, a igreja matriz de Santana (foto 20), apresenta suas fachadas tombadas. Durante a pesquisa, não foi encontrado nenhum documento que identifique o período em que foi construída.

As informações sobre a Igreja Matriz de Sant'Ana são imprecisas. Segunda a tradição popular, ela teria sido construída pelos índios Quixelôs sob orientação dos padres Jesuítas, os primeiros colonizadores da região. A Matriz foi edificada em pedra, mas com algumas paredes de tijolos e cal. O madeiramento é de cedro e angico. (GUIA DOS BENS TOMBADOS DO CEARÁ, 1995, p. 133).



Fonte: <http://www.ferias.tur.br/fotos/1396/iguatu-ce.html>-Acesso out/2016.

Foto 20. Iguatu – Igreja Matriz de Santana

No município de Aquiraz, apesar das modificações descaracterizadoras, ainda se exibem interessantes edificações do século XVIII (fotos 21, 22, 23 e 24), imagens que impressionam e mostram como se dava a ocupação urbana das vilas cearenses. Destaca-se o Mercado da Carne, que colaborou para o desenvolvimento do comércio e o crescimento de Aquiraz. Com arquitetura simples, suas edificações trazem características urbanas e tipologia que revelam nas suas raízes, a herança das tradições indígenas e traços da cultura africana espalhados pelo município, mas também, evidentemente do colonizador europeu.



Fonte: <http://www.panoramio.com/user> - Acesso em out/2016.

Fotos 21, 22, 23 e 24: Aquiraz – Edificações

Nesse contexto, das ocupações urbanas cearenses, o Mercado da Carne no Ceará foi um importante objeto que despontou com o surgimento das charqueadas, evento importante para crescimento das cidades.

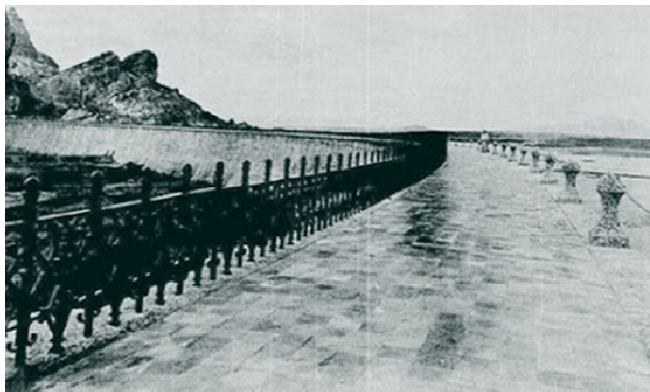


Foto: Clóvis Ramiro Jucá Neto/2013.

<http://www.hpip.org/def/pt/Homepage/Obra?a=957> – Acesso em out/2016.

Foto 25. Aquiraz – Mercado da Carne

O gado passou a ser comercializado próximo à zona de abate, o que possibilitou uma concentração de riquezas na região e o desenvolvimento de núcleos urbanos na província. (GUIA DOS BENS TOMBADOS DO CEARÁ, 1995, p. 21). Aquiraz tem uma grande importância na história do Ceará, por ter sido a primeira vila criada em 1699. É conhecida como a primeira capital do Ceará, pois se tornou sede administrativa da capitania do Siará Grande até o ano de 1726. Em sua área central, a Praça Cônego Araripe – possui o traçado da missão jesuítica. A exemplo das vilas do mesmo período, nessa área concentram-se as principais edificações de interesse histórico arquitetônico da cidade. A singela beleza da aristocracia portuguesa de outrora ainda permanece visível nas ruas e nos casarões que remetem aos modelos arquitetônicos de Portugal construídos no sertão e no litoral cearense, refletindo assim a opulência daquele período da história. Hoje a maioria abriga casas residenciais e pequenos comércios no centro de Aquiraz. Existe uma arquitetura popular formada por uma construção em planta quadrada, com telhado de quatro águas feito em madeiramento de carnaúba de grande efeito plástico, apoiado em coluna central de alvenaria de tijolos. Envolvendo essa construção, há outra de formato em "L", composta por um conjunto de lojas que abrem diretamente para a rua, também incluída no tombamento (IPHAN, 2016). Prosseguindo no reconhecimento das rugosidades representadas pelo patrimônio tombado cearense, no município de Quixadá existe a parede do Açude Cedro, que foi a primeira grande construção envolvendo rede de canais de irrigação, feita após a seca ocorrida entre os anos de 1877 e 1879. Constituiu-se de uma região formada pelo relevo em inselberg - grandes afloramentos sieníticos isolados. O trecho mais importante da barragem está construído entre dois desses morros. A partir de 1907, passou a ser administrado pelo Departamento Nacional de Obras Contra as Secas - DNOCS. (IPHAN, 2016).



Açude de Cedro - Inauguração/1906



Açude de Cedro - Com a Pedra da Galinha Choca ao fundo

<http://cearaemfotos.blogspot.com.br/2012/06/patrimonio-tombado-acude-do-cedro.html>- Acesso em out/2016.

Fotos 26 e 27: Quixadá - Açude do Cedro

Completando a lista de bens tombados no Ceará, há ainda o Conjunto Paisagístico dos Serrotes de Quixadá (foto 28), constituído por formações geomorfológicas em monólito. A região foi ocupada pelo homem desde períodos pré-históricos, como atestam as pinturas rupestres e outros vestígios arqueológicos.



Fonte:http://br.geoview.info/monolitos_inselbergs_de_quixada_inselbergs_of_quixada_ceara_brazil,90613939p- Acesso em out/2016.

Foto 28. Quixadá - Monólitos

Segundo o IPHAN (2016), a colonização europeia iniciou-se a partir do final do século XVII, partindo das áreas de produção açucareira do litoral e seguindo os leitos dos principais rios, adentrando o sertão em busca de locais para criação de gado bovino, situação já discutida ao longo deste trabalho. Em meados do século XIX, com o crescimento demográfico, as novas regulações sobre a terra e o avanço da cotonicultura (restringindo as antigas áreas de refúgio ou abrigo), os períodos de estiagem passaram a impactar a população da região. A seca tornou-se um problema de dimensões nacionais, e o combate a seus efeitos passou a ser objeto de políticas do Império e, posteriormente, da República (IPHAN, 2016). A Barragem do Cedro, com sua parede em arco de alvenaria de pedra, foi a primeira grande obra hidráulica moderna do continente sul-americano. À época, ela incorporou o avançado progresso científico, tecnológico e do cálculo aplicado à engenharia civil. Projetada pelo engenheiro britânico J. J. Révy, e construída por expoentes da nascente engenharia brasileira de formação politécnica, a barragem afirma-se como um exemplar excepcional do período entre a segunda metade do século XIX e o início do século XX. É uma das pioneiras obras do seu tipo e do seu porte no mundo. (IPHAN, 2016). A paisagem formada pelos monólitos e pela Barragem do Cedro em Quixadá representa a síntese da Caatinga - bioma de clima semiárido endêmico do Brasil - e a luta do colonizador para ocupar e transformar, a partir do século XVII, esse local marcado por intensas estiagens. (IPHAN, 2016). O açude (projetado e construído entre 1882 e 1906) iniciou uma sistemática exitosa de repascimento de águas superficiais e de interligação de bacias ao longo de mais de um século por toda a região, alterando a sua percepção quanto às possibilidades reais de ocupação e de sobrevivência em um meio tão hostil à vida humana, devido à sistemática escassez de água. Isso possibilitou que a Caatinga seja, atualmente, a zona semiárida mais densamente povoada do planeta, com relativa segurança hídrica. (IPHAN, 2016).

Para Choay (2006, p. 13),

(...) o domínio patrimonial não se limita apenas aos edifícios individuais, atualmente compreende os aglomerados de edificações e a malha urbana, os aglomerados de casas e bairros, aldeias, cidades inteiras e mesmo conjunto de cidades, como mostra “a lista” do Patrimônio Mundial estabelecida pela Unesco.

Como se observa, no Ceará, com exceção de uma coleção de acervos arqueológicos, dois parques e a parede de um açude, tudo que se apresenta como patrimônio tombado são os bens e as memórias da elite que colonizou as cidades aqui estudadas. Esse é todo o patrimônio tombado do Estado. Portanto, pode-se perceber que há uma incidência maior na preservação daquilo que era considerado importante para uma classe que exercia um maior poder no território, enredado por critérios estabelecidos pela cultura europeia de tombamento. As rugosidades nos permitem visualizar esse fato, enquanto nos apresentam pistas para entender o uso do território. No Ceará do patrimônio histórico tombado, estabelecido pelo concreto, pedra, tijolo, cimento e madeira, temos o que representa a essência da rugosidade, ou seja, a história de vidas, a força de trabalho humano – sobretudo o trabalho escravo – que, com técnicas ainda elementares para a época, exibem extraordinários feitos, realmente dignos de

Quadro 1 – Bens tombados do Ceará

Município	Classificação	Nome atribuído	Ano/ Tombamento
Fortaleza	Coleções e acervos arqueológicos	Coleção arqueológica do Museu da Escola Normal	1941
	Edificação	Casa natal de José de Alencar	1964
	Edificação	Teatro José de Alencar	1964
	Edificação	Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção	2008
	Edificação	Museu do Ceará	1973
	Edificação	Prédio da antiga sede do Departamento Nacional de Obras Contra as Secas	1983
	Jardins e parques	Área do Passeio Público, Antiga Praça dos Mártires	1965
Caucaia	Edificação	Casa de Câmara e Cadeia	1973
Itarema	Edificação	Igreja de N. Senhora da Conceição de Almofala	1980
Quixeramobim	Edificação	Casa de Câmara e Cadeia	1972
Iguatu	Edificação	Igreja Matriz de Santana fachada principal	1974
Aquiraz	Edificação	Mercado de Carne	1984
Quixadá	Equipamentos e infra-estrutura urbana	Barragem do Açude Cedro	1984
	Paisagem natural	Conjunto dos Serrotes	2004
Icó	Conjunto Urbano	Sítio Histórico	1997
Sobral	Conjunto Urbano	Sítio Histórico	1999
Aracati	Conjunto Urbano	Sítio Histórico	2000
Viçosa do Ceará	Conjunto Urbano	Sítio Histórico	2003

Fonte: IPHAN - 2016.

preservação, dignos de serem levados adiante, como é o caso do teatro José de Alencar, do Forte de Nossa Senhora da Assunção, entre outros, para todas as sociedades conhecerem, especialmente, a história humana que há por trás da materialidade. Lamentavelmente, o reconhecimento daqueles que deram sangue e suor para desenvolver as primeiras técnicas e construir pomposos núcleos urbanos, com majestosos monumentos, segue sem nenhuma menção ou referência, passando silenciado pelo tempo e pela história. Não obstante, seus esforços seguirão perpetuados, como descreve Diógenes (2006), nos frontões, nas platibandas e cornijas das fachadas dos belos imóveis residenciais e comerciais, dos prédios públicos e privados, das igrejas do período colonial, que abrigam a beleza de outros tempos.

Considerações finais

O texto buscou analisar as definições dos conceitos que balizam a discussão sobre rugosidades, fundamentada no conceito de espaço geográfico, proposto na obra do professor Milton Santos, que foi nossa orientação para o entendimento teórico-metodológico da pesquisa. A pesquisa buscou retomar o conceito geográfico de rugosidade de modo a torná-lo coerente com as dinâmicas desta contemporaneidade no contexto do patrimônio histórico tombado, para se compreender a partir da análise do uso do território cearense, como as rugosidades do espaço geográfico exibem os objetos passíveis de preservação, haja vista ampliarem o conhecimento e significado de memória e patrimônio. Nesse contexto foi possível entender que os monumentos, conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico e artístico, entre outros, como essência da compreensão de rugosidades. As edificações do Ceará são belezas concretas que se misturam entre singelas e exuberantes no modo de ser e viver de um povo que, devido sua humildade e engenhosidade, merece respeito e admiração de todos. Entre os desafios na construção de políticas de governo para a cultura em nosso país, Diógenes (2006) destaca a fragilidade do setor de patrimônio histórico e cultural e reflete que, apesar da sua importância, o patrimônio brasileiro é constantemente desvalorizado, maltratado, muitas vezes dilapidado, e os gestores públicos demonstram dificuldades na definição e manutenção de programas eficazes de conhecimento, reconhecimento, preservação, promoção, requalificação e revitalização do mesmo. Pensar a preservação do patrimônio cultural das cidades cearenses é uma tarefa complexa, principalmente porque, na maioria delas, as práticas e bens considerados patrimônios são fragmentos selecionados e tombados dentro das cidades, como vimos nos objetos isolados. Nesse contexto, se explica o porquê deste estudo optar por escolhermos para objeto de análise as cidades com núcleos urbanos, e outros monumentos tombados, haja vista que resgatam a história que pelos processos passados, nos permitem entender os usos do território ao longo do tempo.

Ao realizar uma leitura da preservação do patrimônio, este é pensado no contexto da instância dos lugares, que possibilitou a ocupação do território, hoje inserido no que entendemos por totalidade espacial da cidade. Pela compreensão do espaço geográfico como um sistema de objetos e ações, percebemos que a ideia de sistemas é inseparável dos interesses dos estudos geográficos, devido ao seu dinamismo, suas funções, suas condições próprias da evolução urbana, mas especialmente representada pelas formas de vida. Conhecida a evolução urbana, as estruturas do passado e as formas atuais, pode-se dizer que o estudo do patrimônio histórico tombado, só faz sentido pelo estudo do seu conteúdo, sobretudo social, sem deixar de lado a colaboração da história nessa compreensão da rugosidade.

REFERÊNCIAS

- ABREU, J. C de. Capítulos da História do Ceará Colonial (1500 – 1800). Rio de Janeiro: Ed. Livraria Broguet, 4ª edição, 1954.
- ANDRADE, Mário de. Anteprojeto para criação do Serviço do Patrimônio Artístico Nacional. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Brasília: MinC/IPHAN. Nº 30, 2002.
- CHOAY, Françoise. A ALEGORIA DO PATRIMÔNIO. Estação liberdade: UNESCO, 2006. 4ª Edição – São Paulo.
- COSTA, Everaldo B; SCARLATO, Francisco Capuano. Uma teoria geográfica para a análise da produção socioespacial nas cidades históricas turísticas. Revista Geografar. Curitiba, v.3, n.2, p.34-58, jul./dez. 2008.
- _____. Notas sobre a formação de uma rede urbana de um “tempo lento” no período da mineração no Brasil colônia. Revista Acta Geográfica, Ano III, Nº5, JAN./JUN. De 2009. P.07-21.
- COSTA, Everaldo B. Totalidade Urbana e totalidade mundo. As cidades coloniais barroca face à patrimonialização global. TESE DE DOUTORADO. São Paulo: FFLCH/DG/USP, 2011a.
- DIÓGENES, Beatriz Helena Nogueira; DUARTE JUNIOR, Romeu. Guia de bens tombados no Estado do Ceará. Coleção Nossa Cultura. Série Documenta. Fortaleza: Secult, 2006.
- GREGOTTI, Vittorio. Território da arquitetura. São Paulo, Perspectiva, 1975.
- PRADO JR., Caio. Formação do Brasil Contemporâneo. São Paulo: 21ª Edição. Editora Brasiliense, 1989.
- QUEIROGA, Eugênio Fernandes. O Lugar da Praça: Práxides Contemporâneas na Megalópole do Sudeste Brasileiro. In SOUZA, Maria. Adélia A. (org.). Território Brasileiro: usos e abusos. Campinas, Edições Territorial, 2003.
- COSTA, Antônio Carlos Campelo; ROCHA, Herbert de Vasconcelos. Sobral da Origem dos Distritos. Sobral: Sobral Gráfica e Editora LTDA., 2008.
- ROCHA, Herbert de Vasconcelos. O Lado Esquerdo do Rio. São Paulo: Editora: Hucitec, 2003.

SANTOS, Milton. A Natureza do Espaço. 4ª Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

_____. O Brasil: território e sociedade no início do século XXI. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2008.

Secretaria da Cultura e Desporto. Guia dos bens tombados do Estado do Ceará. Fortaleza: 1995. 166p.

SITES CONSULTADOS

<http://iphan.com.br>

<http://www.anuariodefortaleza.com.br/cultura/patrimonio-historico-bens-tombados.php>
